



Nuno Costa Santos

Uma interrogação sobre o tapete de flores

Vejo na internet a imagem de um homem de joelhos à volta do Campo de São Francisco, a ser fotografado por uma rapariga com uma mochila às costas. É um momento das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres. O homem, de 50 anos, direi, camisa de alças, braços tatuados, olha para o chão enquanto segue, num esforço de evidente penitência. Nunca saberemos que promessa terá feito, o que levará no espírito, o que carrega de devoção. Vemo-lo e acompanhamos, por um instante, a sua dor e as suas feridas. E imaginamos.

A imagem, admito, perturba-me um pouco – como talvez nunca tenham perturbado antes imagens de outras gratas penitências. Sempre entendi, de modo fundo, sem esforço, esta modalidade de religiosidade, tanto que a procurei consagrar como memória e homenagem em livros e filmes. Sempre olhei as manifestações extremas de fé dos açorianos como naturais, decorrentes de existências tormentosas, ancestrais e de hoje, como práticas de cultura e de sobrevivência. Agora, não sei bem porquê, desassossega-me, sem qualquer militância ateia (que não tenho), esta fotografia de dor auto-infligida. Não realizo o pior dos gestos, o do julgamento, o do comentário sobre, mas fico inquietado, uma inquietação que não é aguda mas que existe, que revolve e preciso de partilhar.

Lembro-me de uma passagem de um livro que o meu avô materno escreveu a propósito da luta com a tuberculose, doença perturbadora da sua vida de adulto. É sobre o seu sentimento, revelado quando estava já doente, num dia desamparado dos anos 40 do século passado, em relação às festividades do Santo Cristo: “Vejo naquela tarde, antes da Procissão, as muitas dezenas de pessoas de todas as idades e de ambos os sexos, principalmente mulheres, a percorrem de joelhos

a sangrar o mesmo trajecto à volta do Campo de São Francisco que começara a fazer a imagem, em cumprimento de promessas feitas em momento de aflição, num cruel sacrifício que eu não compreendo e me confrange e aflige”.

Avista a sua gente entre os fiéis, a sua mulher e a sua mãe, as que diz serem as “Marias” do seu calvário, a pedir por ele, em nome do seu sofrimento, mas não deixa de lamentar, perante a imagem: “Se eu tivesse o amparo da Fé!” Tenta uma união, mesmo que mínima, com a Divindade e não a consegue alcançar – e tem a hombridade de o assumir, sem falsas manifestações, sem mentirosos teatros interiores e ilusões para se enganar ou para os outros verem e aprovarem, numa dança hipócrita com a sociedade. Respeitava o nazareno que calcorreou a Judeia mas não se aproximava daquela forma de culto, que considerava majestática, demasiado ornamentada. E, em contraponto, atraía-o, como figura, o filósofo e poeta Antero de Quental – ele que, como se sabe, em desespero existencial, sempre com uma âncora mística, mesmo que debaixo de um corpo denso de nuvens, em desfoque, pôs fim à vida num banco do Campo de São Francisco.

É, em todo o caso, significativa e reveladora a circunstância de, apesar da interrogação que a imagem do homem ajoelhado me suscitou, ter acompanhado, pela televisão e pelo telemóvel, vários passos da Festa do Senhor Santo Cristo. Aqui em casa, a Sara chegou a perguntar: – Não sabia que tinhas uma ligação tão grande a estas festas. Tenho. Como acontece com outros, mais ou menos distanciados dos rituais, pelo desenho entranhado da identidade, pelo vivo cinema do crescimento. Como o meu avô, para além da verdade das perguntas sobre os tapetes de flores.



Raúl de Sousa*

Investimento na saúde da visão para poupar e promover vidas

Mais de mil milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de deficiência visual ou cegueira evitável, porque não lhes são assegurados os cuidados de saúde da visão necessários para problemas como miopia, glaucoma ou cataratas. Tragicamente, muitas destas pessoas cegam ou adquirem limitações da visão tão significativas que desenvolvem incapacidades como consequência. Portugal é um dos países onde se observa esta situação e não é de estranhar que a causa de incapacidade de maior prevalência seja a visual.

O relatório “Global Report on Assistive Technology”, publicado pela Organização Mundial da Saúde e pela UNICEF, revelou que mais de 2,5 mil milhões de pessoas necessitam de um ou mais produtos assistivos para as suas incapacidades, porém, cerca de mil milhões não tem acesso, nomeadamente nos países menos desenvolvidos.

O mesmo relatório apresenta várias recomendações para melhorar o acesso, nomeadamente: assegurar a disponibilidade, segurança, eficácia e acessibilidade de preços dos produtos de assistência; ampliar, diversificar e melhorar a capacidade da força de trabalho; envolver ativamente os utilizadores da tecnologia de assistência e as suas famílias; aumentar a consciência pública e combater o estigma; investir em política baseada em dados e provas; investir na investigação, inovação, e um ecossistema propício; e desenvolver e investir em ambientes favoráveis.

Sem os produtos assistivos, as pessoas podem sofrer exclusão, risco de isolamento, pobreza, e serem forçadas a depender da família, comunidade e governo.

O impacto positivo dos produtos assistivos vai além da melhoria da saúde, bem-estar, participação e inclusão dos utilizadores individuais, uma vez que as famílias e as sociedades também beneficiam. Por exemplo, o alargamento do acesso a produtos assistivos de qualidade e seguros leva à redução dos custos de saúde e bem-estar, tais como admissões hospitalares recorrentes ou benefícios estatais, e promove uma força de trabalho mais produtiva, estimulando indiretamente o crescimento económico.

O acesso à tecnologia assistiva para crianças com deficiência é, frequentemente, o primeiro passo para o desenvolvimento infantil, acesso à educação, participação no desporto e na vida cívica, e preparação para o emprego. As crianças com deficiência têm desafios adicionais devido ao seu crescimento, o que requer

ajustes ou substituições frequentes dos seus produtos assistivos.

A deficiência visual afeta as atividades diárias das pessoas, muitas vezes por causas que podem ser prevenidas ou evitáveis.

Além disso, o crescimento dos problemas de visão não é igualitário, sendo mais acentuado e predominante em pessoas que vivem em áreas mais rurais do globo, mulheres, idosos, minorias étnicas e países menos desenvolvidos, como é o caso da África subsariana e do sul asiático, onde as taxas de cegueira são oito vezes superiores às dos países desenvolvidos.

É estimado que o número de pessoas necessitadas de um ou mais produtos assistivos aumente para 3,5 mil milhões até 2050, devido ao envelhecimento da população e ao aumento da prevalência de doenças não transmissíveis em todo o mundo. Com o envelhecimento da população, do qual Portugal é uns casos mais sérios, também o surgimento das doenças se torna mais comum, evidente e problemático, sendo fundamental agir o quanto antes e atuar enquanto a prevenção é ainda uma possibilidade.

O mesmo relatório refere a relevância da resposta do sistema de saúde, através de uma adequada força de trabalho de profissionais de saúde. Neste aspeto indica o papel significativo dos optometristas na prestação dos cuidados para a saúde da visão e no acesso às tecnologias assistivas. É uma recomendação muito útil ao Estado Português dado que, em Portugal, os optometristas ainda não estão integrados no Serviço Nacional de Saúde. É apenas natural que seja nesta área que se experienciam e os maiores constrangimentos de acesso a cuidados de saúde, com lista de espera para consulta hospitalar de oftalmologia de mais de 110 mil pessoas e com tempos de espera até mil dias. Perante esta situação, como pode alguém conseguir a prescrição oftálmica para obter benefício adicional ao complemento solidário ao idoso para aquisição de óculos? Urge refletir sobre este relatório, mas sobretudo urge intervir e agir de forma a assegurar cuidados de saúde e acesso às tecnologias assistivas a todos, em qualquer momento e em todo o lado.

A Tecnologia e Produtos Assistivos, como óculos e ajudas de baixa visão, e o acesso a cuidados para a saúde da visão atempados, de qualidade e de proximidade, mudam vidas e promovem o desenvolvimento pessoal, nacional e igualdade de oportunidades.

É tempo de agir e investir, para poupar e promover vidas!